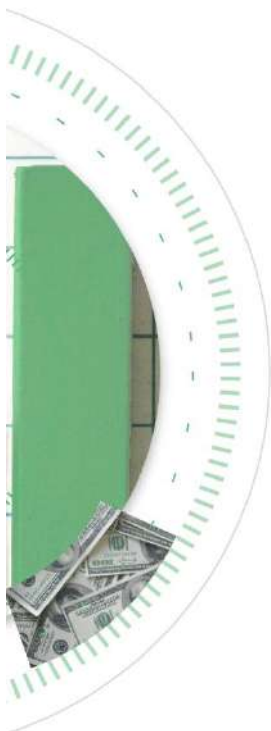


Comportamento Semanal de Mercado

07 a 14 de julho



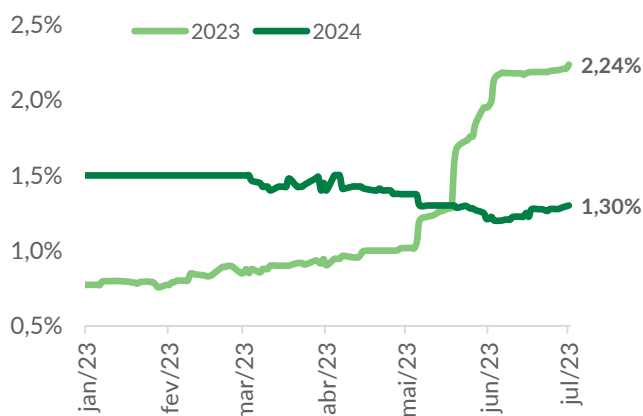


Fim e início

A divulgação da inflação ao consumidor foi o destaque da semana. A significativa desaceleração, sinalizada nos EUA, fortaleceu as apostas de que o fim do ciclo de aperto monetário esteja próximo, constituindo-se em um cenário mais positivo para a tomada de risco. Com isso, os índices das principais bolsas subiram, o retorno das *treasuries* de 10 anos recuou -0,23 p.p. para 3,83% a.a. e o dólar depreciou-se em 2,31% frente às moedas mais fortes e 1,60% em relação a uma cesta de moedas emergentes. O real se apreciou em 1,63%, levando o dólar a ser cotado em R\$ 4,79. Ainda que seja aguardada alguma aceleração da inflação pelo IPCA no 2º semestre e as medidas de núcleo e subjacentes apresentem-se em patamares elevados quando comparadas com as metas, o balanço de riscos favorece o início do processo de flexibilização monetária. Porém, com o Focus indicando uma projeção de uma queda em agosto de apenas -0,25 p.p. na Selic e uma inflação esperada para os próximos 12 meses recuando -0,1 p.p. na semana, a taxa real de juros *ex-ante* subiu de 7,08% a.a. para 7,19% a.a., adentrando-se ainda mais em terreno fortemente contracionista. Frustrando as projeções otimistas, o índice de atividade do Banco Central (IBC-Br) indicou uma forte queda de -2,00% em maio, na série com ajuste sazonal. Com isso, a série com o acumulado em 12 meses passou de 3,57% a.a. em abril para 3,43% a.a. e o carregamento estatístico para o 2T23 ficou em 0,25% e em 2,05% para 2023. Por sua vez, a despeito da evolução positiva do mercado de trabalho e do alívio com a inflação corrente, o percentual de famílias que, na pesquisa de sentimento da CNC, declararam estar com contas atrasadas aumentou 0,6 p.p. em 12 meses para 29,2% e o contingente das que afirmaram que não terão condições de quitar dívidas atrasadas de meses anteriores expandiu-se em 1,3 p.p. em 12 meses para 12,0%.

Expectativas

PIB - Mediana das projeções



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Alinhando-se ao cenário mais favorável para a economia, houve um aumento nas projeções de crescimento do PIB. Em relação ao boletim anterior, para 2023 saiu de 2,19% para 2,24%, de 2024 de 1,28% para 1,30% e de 1,80% para 1,88% para 2025. Com o IPCA de junho muito próximo do valor aguardado pelo mercado, as expectativas inflacionárias mostraram poucas alterações. No curto prazo, a taxa estimada para julho reduziu-se de 0,21% para 0,19%, a de agosto aumentou de 0,26% para 0,28% e a de setembro caiu de 0,30% para 0,29%. Assim, o IPCA esperado para 2023 permaneceu em 4,95%. Como horizonte relevante para a política monetária, a estimativa para 2024 permaneceu em 3,92%, enquanto a de 2025 diminuiu de 3,60% para 3,55%.

Após as quedas recentes, a inflação implícita na curva de negociação das NTN-Bs voltou a subir, com a taxa para o prazo de 1 ano avançando de 3,99% para 4,11%, a de 2 anos de 4,33% para 4,41% e a de 3 anos de 4,58% para 4,65%.

Consolidando as apostas de que a flexibilização monetária inicie no próximo Copom, o Focus manteve a projeção de uma queda em agosto de -0,25 p.p., seguida por 3 reduções de -0,50 p.p. para a Selic fechar 2023 em 12,00% a.a.. O ciclo se estenderia nos 2 anos seguintes, com a taxa básica finalizando em 9,50% a.a. em 2024 e em 9,0% a.a. para 2025.

O cenário esperado para a taxa de câmbio ficou estável em R\$/US\$ 5,00 para 2023, oscilou em -0,20% para R\$/US\$ 5,05 pra 2024 e se manteve em R\$/US\$ 5,15 para 2025. Por fim, o déficit primário esperado em relação ao PIB seguiu em -1,00% para 2023, em -0,80% para 2024 e em -0,50% para 2025.

Internacional

Abaixo do 0,3% esperado, a inflação ao consumidor (CPI) nos EUA foi de 0,2% em junho. Como consequência, a taxa anualizada desacelerou consideravelmente, saindo de 4,0% a.a. em mai/23 para 3,0% a.a.. A dinâmica mais favorável refletiu em quase todas as aberturas do indicador, com destaque para a descompressão nos preços de veículos e de serviços de transportes. A medida de núcleo, que exclui da conta itens voláteis como os preços de alimentos e de energia, foi de 0,2% em junho, também abaixo do consenso de 0,3%. Na comparação anual, o núcleo saiu de 5,3% a.a. em mai/23 para 4,8% a.a.. O alívio inflacionário também se fez sentido no indicador dos preços ao produtor (PPI) que saiu de 1,1% a.a. em maio para 0,1% a.a.. Excluindo-se os itens voláteis como alimentos e energia, o indicador desacelerou de 2,8% a.a. em mai/23 para 2,4% a.a..

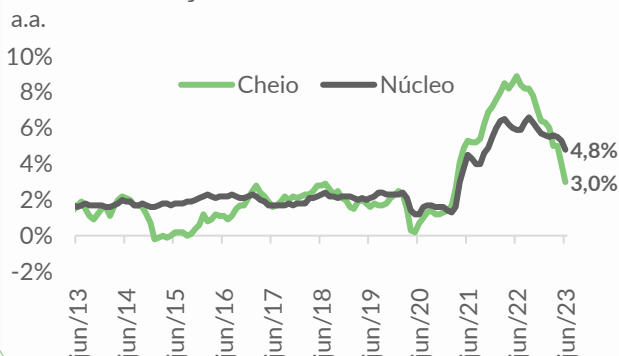
Apesar do cenário positivo para a inflação, o cenário base é de que o Federal Reserve (Fed) volte a subir os juros na próxima reunião de política monetária, porém com uma menor probabilidade de que o ciclo de ajuste monetário prossiga nos próximos encontros. Corroborando a leitura de proximidade do fim do ciclo de aperto monetário, o Livro Bege do Fed indicou que os preços e o mercado de trabalho estão em desaceleração. Pelo documento, a queda na inflação estaria relacionada à maior relutância das empresas em passar custos ao consumidor final. Ademais, os pedidos semanais por seguro desemprego se reduziram em -12 mil na semana encerrada em 8 de julho, para 237 mil, ante os 249 mil registrados na medição anterior (dado revisado de 248 mil).

Surpreendendo negativamente, em maio, a produção industrial da Zona do Euro cresceu 0,2% na margem, ante uma expectativa de um crescimento de 0,3%. Também abaixo do consenso (-0,5%), a produção industrial do Reino Unido contraiu-se em -0,6% no período.

Os sinais de enfraquecimento da economia chinesa foram reforçados pelos dados da inflação e balança comercial. O CPI caiu -0,2% em junho, ficando estável na comparação com jun/22 (0,2% a.a. em mai/23). Com uma demanda relativamente fraca por bens de consumo duráveis, o núcleo da inflação manteve-se abaixo do esperado ao subir 0,4% a.a.. Os preços dos alimentos aumentaram 2,3% a.a., enquanto os dos itens não alimentícios caíram a -0,6% a.a.. Já o PPI registrou uma queda de -5,4% a.a. em junho, ante a -4,6% a.a. em mai/23. O superávit comercial na China foi de US\$ 70,62 bilhões em junho, superior aos US\$ 65,81 bilhões registrados em mai/23 e inferior aos US\$ 74,80 bilhões projetados. As exportações recuaram -12,8%, na comparação interanual, ante um recuo de -7,5% em mai/23. As importações cederam -6,8%, na mesma base de comparação, vindo de uma queda de -4,5% em mai/23.

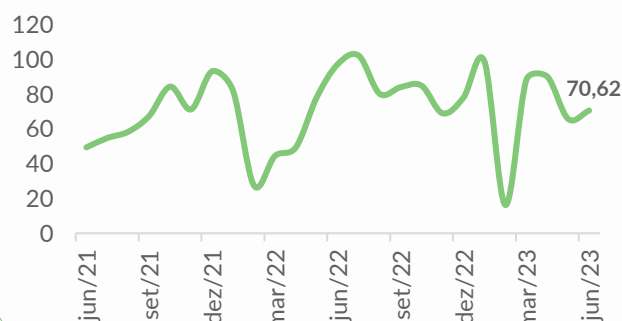
O Produto Interno Bruto (PIB) da China cresceu 6,3% no 2T23 ante igual período de 2022, resultado que ficou aquém da previsão de analistas de uma alta de 6,9%. Na comparação trimestral, houve uma desaceleração de uma expansão de 2,2% no 1T23 para 0,8%. Contudo, no 1º semestre, o PIB cresceu 5,5% em relação a 2022, acima da meta do governo de 5,0%. De uma forma geral, os números intensificam a pressão para que seja feito um pacote de estímulos mais fortes à economia. Na semana passada, o governo anunciou que irá estender as políticas de apoio às incorporadoras para fortalecer o setor imobiliário em dificuldades, além de permitir adiar pagamentos de empréstimos por 1 ano.

EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)



China – Saldo Comercial

Em US\$ Bilhões



Fonte: U.S. Bureau of Labor Statistics / Bloomberg.. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Na semana, o Livro Bege de junho reiterou a percepção de uma pressão menor na dinâmica inflacionária e no mercado de trabalho. Com a desaceleração, sinalizada nos números do CPI e do PPI nos EUA, as apostas de que o ciclo de aperto monetário seja mais curto ganharam força, o que se traduziu em um cenário mais positivo para os ativos de risco.

De acordo com a plataforma *Fedwatch* da CME, a probabilidade que na próxima semana o Fed promova um aumento de 0,25 p.p. era de 96,7% em 14/07, enquanto as chances, em setembro, de que a taxa básica de juros permaneça entre 5,25% a.a. e 5,50% a.a. eram de 83,6%. Com isso, houve uma depreciação do dólar e a redução do rendimento das *treasuries*. A taxa para 2 anos reduziu-se em -0,20 p.p. na semana para 4,74% a.a., a de 5 anos em -0,31 p.p. para 4,04% a.a., a de 10 anos em -0,23 p.p. para 3,83% a.a. e a de 30 anos em -0,12 p.p. para 3,93% a.a..

A melhora na percepção de risco contou também com a expectativa de implementação de novos estímulos do governo chinês, o que favoreceu os ganhos nas principais bolsas e nos preços das *commodities* metálicas, alimentícias e energéticas. Tendência que poderá ser revertida na semana que se inicia, com a divulgação decepcionante do PIB no 2T23 em 17/07.

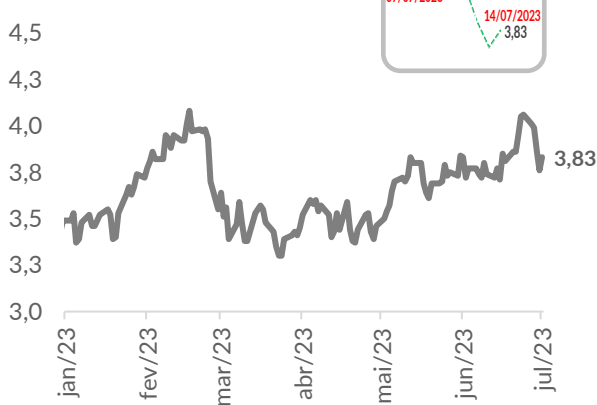
Com isso, na semana, foram verificadas alta semanal de 3,32% na Nasdaq, de 3,22% no DAX 40, de 2,45% no FTSE 100, de 2,42% no S&P, de 2,29% no Dow Jones e de 1,29% no Xangai. Ainda na semana, a cotação da saca de soja negociada em Chicago subiu 0,7% e o minério de ferro na bolsa de Qingdao aumentou 4,8%. Impulsionado também pelas interrupções nas produções da Nigéria e Líbia e pela diminuição das exportações russas, o barril de petróleo tipo Brent subiu 1,8% para US\$ 79,87. Com a acomodação dos prêmios de risco no cenário doméstico, o risco soberano, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -5,56 bps. para 177,62 bps. e o Ibovespa caiu -1,00%.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	14/07/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	117.711	-1,00%	-1,1%	22,5%
Nasdaq	14.114	3,32%	3,6%	25,4%
S&P	4.505	2,42%	3,0%	18,9%
Dow Jones	34.509	2,29%	1,6%	12,7%
FTSE 100	7.435	2,45%	-2,2%	5,6%
DAX 40	16.105	3,22%	-1,3%	28,6%
Nikkei 225	32.391	0,01%	-3,3%	21,6%
Xangai	3.238	1,29%	0,3%	-1,3%

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

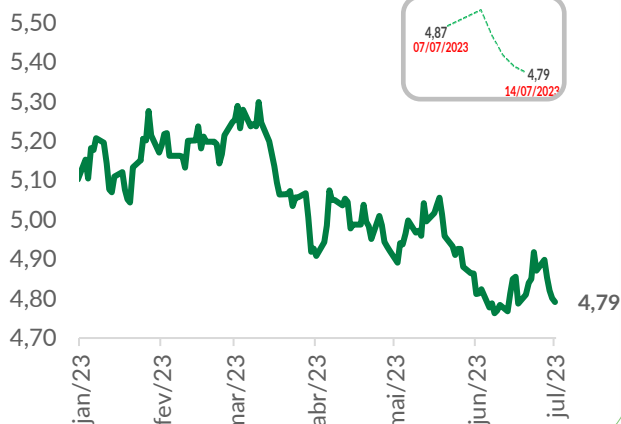
Com a perspectiva de um Fed menos agressivo na condução da sua política monetária, o dólar perdeu força na semana, tanto em relação às moedas de países desenvolvidos, quanto às de emergentes. No período, o *Dollar Index* (DXY), que mede o desempenho da divisa norte-americana frente a uma cesta de 6 moedas fortes, passou de 102,27 pts. para 99,91 pts., menor nível desde abr/22. O movimento representou uma queda de -2,31%, refletindo as apreciações de 2,32% no euro e de 1,94% na libra esterlina.

Em termos prospectivos, pode ser questionada a existência de aspectos que fundamentem a sustentabilidade desse movimento, dada a pujança da economia dos EUA quando comparada com o desempenho das outras economias.

Em consonância e favorecido pela recuperação nos preços das *commodities*, o índice que mede a variação das divisas de países emergentes em relação ao dólar subiu 1,60% na semana, com destaques para as apreciações de 4,02% no rand sul-africano, de 2,30% no peso mexicano, de 1,92% no peso colombiano, de 1,56% no peso argentino e de 1,14% no rublo russo.

Em linha com a média de seus pares emergentes, o real se apreciou em 1,63% na semana, com o dólar encerrando cotado a US\$ 4,79. Com isso, acumulou uma apreciação de 9,35% no ano. Na semana, o Banco Central deu início à rolagem dos contratos de *swap* cambial com vencimento em 1º de setembro de 2023, no montante de US\$ 15,4 bilhões.

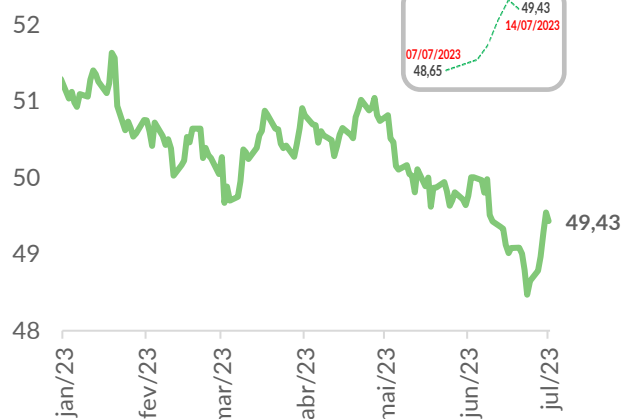
Real/US\$



Dollar Index



Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

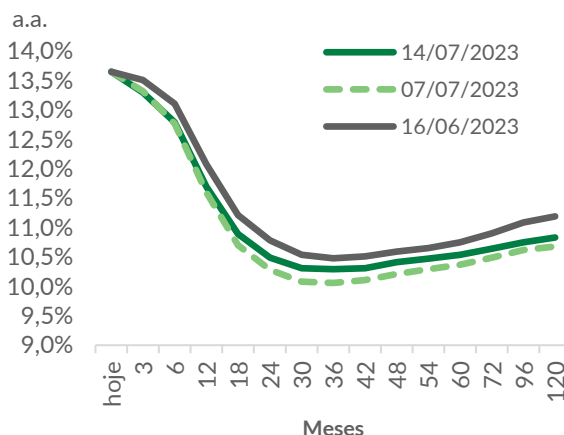
Após registrar um forte recuo nos prêmios de risco, com os investidores precificando a aprovação do novo arcabouço fiscal, o andamento da reforma tributária e a manutenção da meta inflacionária pelo CMN, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) voltou a se deslocar para cima, com alta nas taxas de juros em todos os vértices, na contramão do exterior, em um movimento de ajuste nas expectativas do ciclo de flexibilização monetária.

Na semana, o vértice de 6 meses saiu de 12,77% a.a. para 12,79%, o de 1 ano de 11,60% a.a. para 11,70%, o de 2 de 10,28% a.a. para 10,49%, o de 3 de 10,06% a.a. para 10,29%, o de 4 de 10,21% a.a. para 10,41%, o de 5 de 10,37% a.a. para 10,54% e o de 10 anos saiu de 10,68% a.a. para 10,83%.

Com a alta de 0,10 p.p. na semana do swap DI prefixado de 360 dias e com a inflação esperada para os próximos 12 meses recuando -0,02 p.p. para 4,20%, a taxa real de juros *ex-ante* subiu de 7,08% a.a. para 7,19% a.a., adentrando-se ainda mais em terreno fortemente contracionista.

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, registrou alta de 0,05 p.p. na semana para -0,87 p.p.. Por sua vez, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, nos títulos públicos divulgados pela Anbima, fechou no mesmo patamar da semana anterior em -0,74 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros

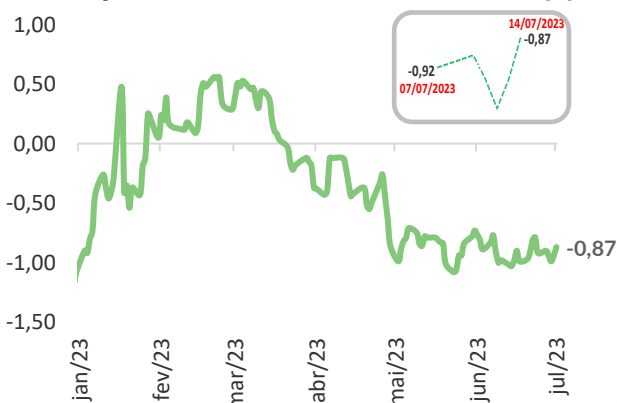


Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IPCA – Jun/23

Após uma alta de 0,23% em maio, o IPCA em junho registrou uma deflação de -0,08%, levemente abaixo das expectativas de mercado. Assim, a taxa anualizada da inflação desacelerou de 3,94% a.a. em mai/23 para 3,16% a.a., valor abaixo da meta de 3,25% para 2023 (11,89% a.a. em jun/22). Ainda que seja aguardada alguma aceleração no aumento dos preços ao longo do 2º semestre, quando os efeitos da desoneração dos combustíveis de 2023 estiverem dissipados, o processo desinflacionário mostra-se consistente, tornando o balanço de riscos mais favorável para o início do processo de flexibilização monetária a partir de agosto, ainda que não se possa cravar o tamanho do corte na Selic.

A deflação mensal do índice foi composta pelo aumento de 0,06% nos preços administrados e queda de -0,13% nos livres, que por sua vez, refletiu as variações de 0,34% dos não comercializáveis e de -0,72% dos comercializáveis. O movimento destes últimos tende a continuar se mantida a redução nos preços das *commodities* e a apreciação do real. Por categorias de uso, as taxas foram de -0,83% para não duráveis, de 0,21% para semiduráveis, de -1,24% para duráveis. O aumento de -0,06% em mai/23 para 0,62% no grupo serviços gerou um alerta pela maior dificuldade do processo desinflacionário nesse segmento.

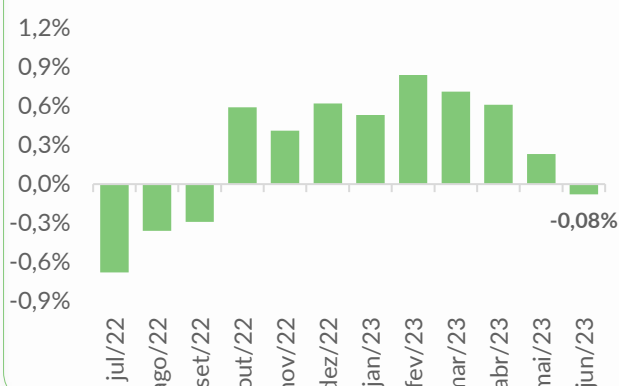
Com um recuo de -0,66%, o grupo de Alimentação e Bebidas contribuiu com -0,14 p.p. na variação do IPCA, graças a deflação de -1,07% nos itens de alimentação no domicílio. Transportes apontou uma queda de -0,41% na margem, contribuindo com -0,08 p.p., beneficiando-se da redução de -1,85% nos preços dos combustíveis, de -2,76% dos automóveis novos (em função do programa de descontos do governo), e de -0,93% dos usados. Dentre os combustíveis, houve quedas de -6,68% no óleo diesel, -5,11% do etanol, -2,77% do gás veicular e -1,14% da gasolina.

Por outro lado, por conta dos reajustes aplicados em algumas regiões, houve um aumento de 1,43% na tarifa de energia elétrica e de 1,69% na taxa de água e esgoto, fazendo com que o grupo Habitação aumentasse 0,69% em junho, impactando em +0,10 p.p..

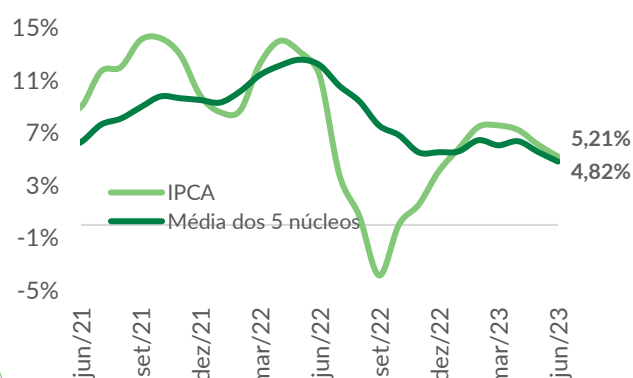
A média móvel trimestral (MM3) dessazonalizada ratifica o processo desinflacionário saindo de 7,58% a.a. em mar/23 para 5,21% a.a. em junho. O mesmo indicador para as medidas subjacentes acelerou de 5,86% a.a. em mai/23 para 6,74% a.a. para serviços, enquanto para alimentação no domicílio passou de 5,24% a.a. para 5,10% a.a. e de bens industriais de 5,04% para 4,88%. A piora no item serviços subjacentes não é ratificada na variação acumulada de 12 meses que saiu de 7,13% a.a. em mai/23 para 6,73% a.a., com a Alimentação no domicílio passando de 7,78% a.a. em mai/23 para 6,94% a.a. e a dos bens industriais de 9,17% a.a. para 8,24% a.a..

Adicionalmente, a MM3 dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central desacelerou de forma significativa de 5,55% a.a. em mai/23 para 4,82% a.a.. Por fim, também de forma positiva, o índice de difusão reduziu-se de 56,0% para 49,6%.

Variação Mensal



MM3 Anualizada e Dessazonalizada



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

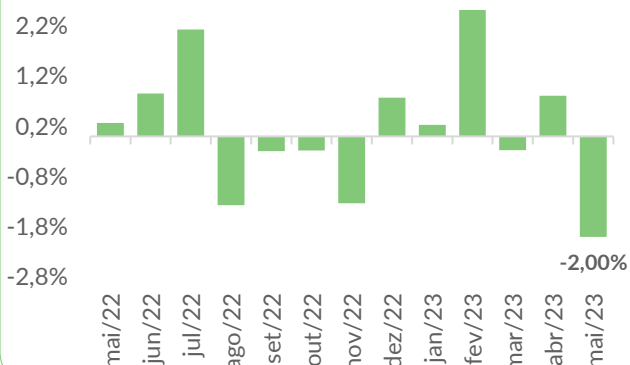
IBC- Br - Mai/23

Frustrando as projeções otimistas de uma possível estabilidade, o índice de atividade do Banco Central (IBC-Br) indicou uma forte queda de -2,00% em maio, na série com ajuste sazonal. Com isso, o indicador alcançou 145,59 pts.. Adicionalmente, as variações foram revisadas de 0,56% para 0,81% para abr/23, de -0,14% para -0,27% para mar/23, de 2,64% para 2,98% para fev/23 e de 0,68% para 0,23% para jan/23.

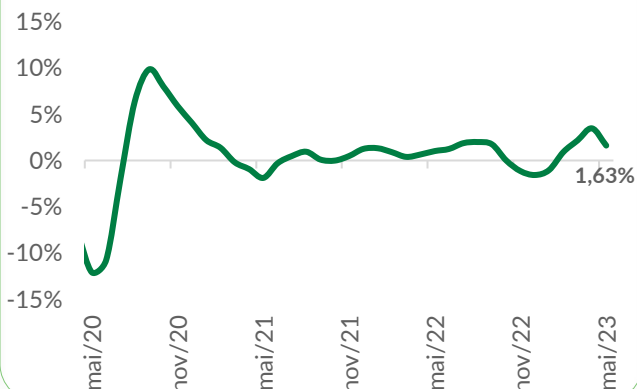
Considerado como uma *proxy* do PIB, a medida de periodicidade mensal foi impactada pelas quedas de -0,95% no varejo restrito e de -1,09% no comércio ampliado, além das altas de 0,32% da indústria e de 0,86% no setor de serviços. A média móvel trimestral móvel (MM3) apontou uma desaceleração no ritmo de crescimento de 3,49% em abr/23 para 1,63%. O carregamento estatístico para o 2T23 ficou em 0,25% e de 2,05% para 2023.

Também com arrefecimento, a série com o acumulado em 12 meses passou de 3,57% a.a. em abril para 3,43% a.a. (2,81% a.a. em mai/22).

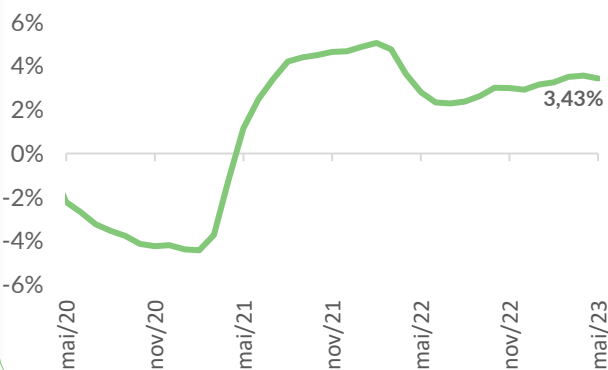
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Evolução Trimestral Com ajuste sazonal



Variação Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

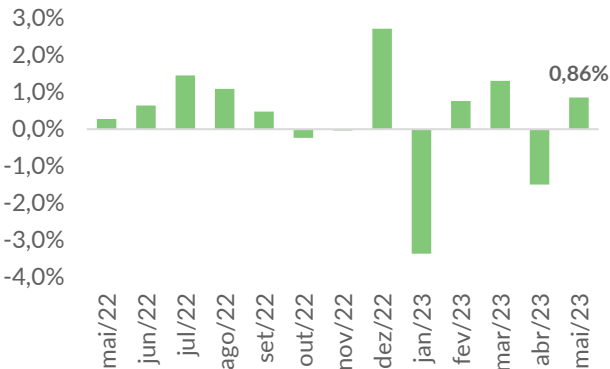
Pesquisa Mensal de Serviços – Mai/23

Registrando uma alta de 0,86% em maio, o setor de Serviços recuperou-se da queda de -1,50% em abr/23, na série livre de influências sazonais. Na decomposição dos grupos, somente o dos Serviços profissionais apresentou uma redução de volume, com uma queda de -0,95%. Houve aumento na margem de 2,15% no indicador para Transportes, de 1,11% para Serviços prestados às famílias, de 0,58% em Outros serviços e de 0,20% em Serviços de informação.

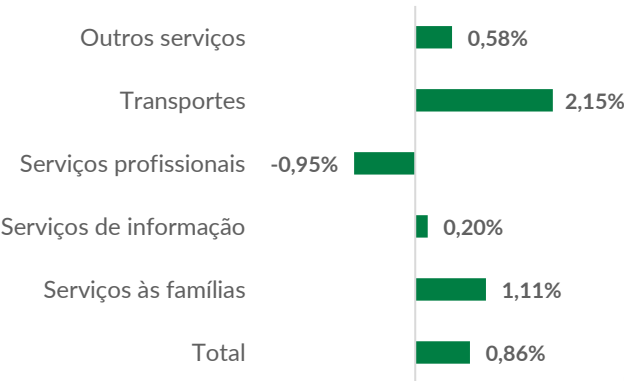
Apesar da alta mensal, a série com a variação trimestral permanece em campo negativo, saindo de uma queda de -0,28% em abr/23 para -0,07% (0,92% em mai/22). Em relação ao momento anterior à pandemia (fev/20), o volume se encontra em patamar 11,5% superior. Contudo, os Serviços prestados às famílias mostrou-se -4,5% abaixo, na mesma base comparativa.

Com isso, o desempenho acumulado no ano está 4,8% superior ao observado no mesmo período de 2022. Porém, a variação anual do volume de serviços acumulado em 12 meses manteve a trajetória de desaceleração, iniciada em abr/22, quando avançava em 12,78% a.a., encerrando maio com uma alta de 6,41% a.a. ante 6,77% a.a. em abr/23.

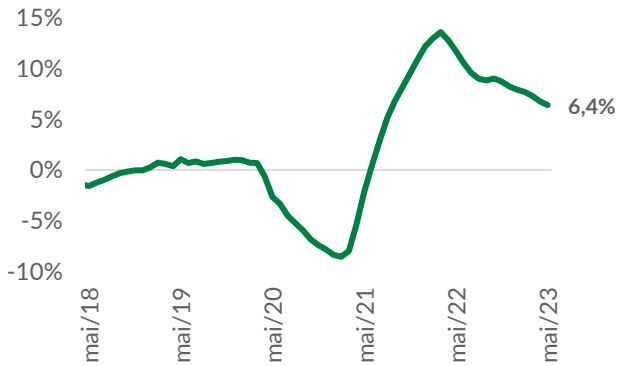
Variação Mensal
Com ajuste sazonal



Variação Mensal
Abertura – com ajuste sazonal



Variação Anual
Volume acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal do Comércio – Mai/23

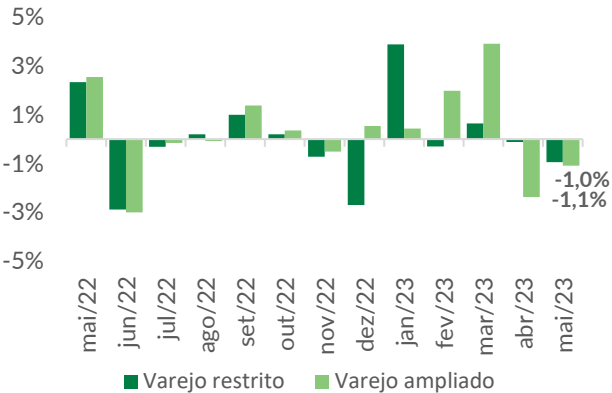
Na série com ajuste sazonal, após cair -0,12% em abr/23, o Comércio varejista restrito apresentou uma queda de -0,95% em maio. Basicamente por causa das reduções de -3,30% em Vestuário, de -3,23% em supermercados, de -2,31% em Outros artigos e de -0,68% em Eletrodomésticos. Por outro lado, foram verificadas elevações de 2,33% em Artigos farmacêuticos, de 1,70% em Papelaria, de 1,44% em Combustíveis e de 1,06% em Materiais para escritório.

Ainda em maio, também na série dessazonalizada, o Comércio ampliado apresentou redução de -1,09% em maio contra queda de -2,38% no mês anterior. O desempenho no mês contou com a redução de -0,89% em Materiais para construção e a elevação de 2,06% em Veículos.

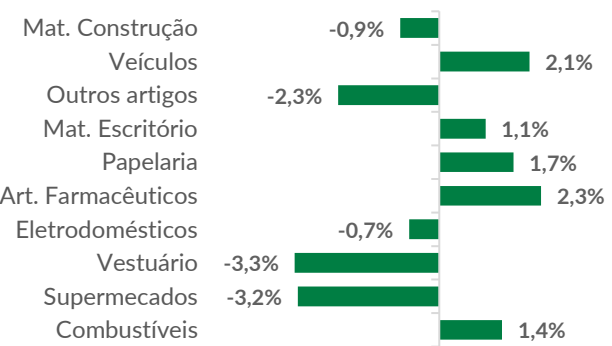
No ano, o Comércio varejista acumulou elevações de 1,30% no restrito e de 3,12% no ampliado. Em comparação com o momento anterior à pandemia (fev/20), o restrito em maio estava 2,7% acima e o ampliado 1,6%.

Considerando-se a variação anual do volume do comércio acumulado em 12 meses, maio encerrou com uma alta de 0,81% a.a. no varejo restrito, contra 0,88% a.a. em abr/23 e queda de -0,42% a.a. em mai/22. Na mesma base comparativa, o comércio ampliado acumulado exibiu uma alta de 0,24% a.a. ante retração de -0,08% a.a. em abr/23 e alta de 0,33% a.a. em mai/22.

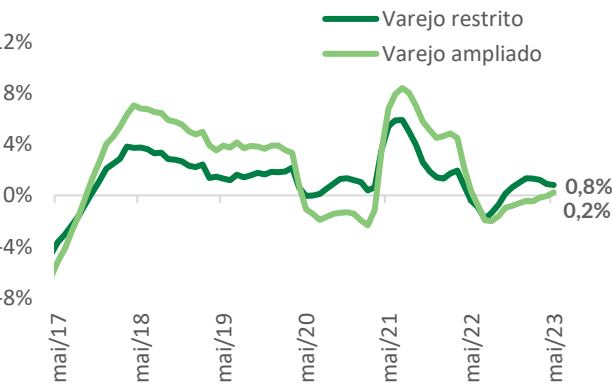
Variação Mensal
Com ajuste sazonal



Variação Mensal
Abertura – com ajuste sazonal



Variação Anual
Volume acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Endividamento e Inadimplência– Jun/23

Em um cenário composto por uma política contracionista e pela deterioração nas condições do mercado de crédito, a Pesquisa de Sentimento de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da CNC apontou em junho que 78,5% das famílias se identificavam como endividadas, com elevações de 0,2 p.p. no mês e 1,2 p.p. em 12 meses.

Desse total, 18,5% das famílias consideravam-se como “muito endividadas”, o nível mais elevado da série iniciada em jan/10. Após interromper uma sequência de 4 meses de estabilidade, o indicador alcançou em junho o maior nível desde nov/22 (78,9%).

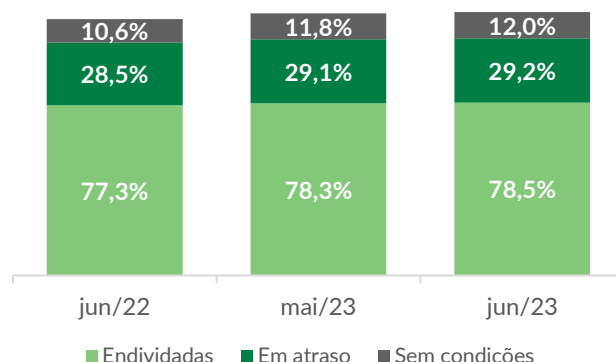
Embora o endividamento tenha crescido no mês, a parcela média da renda comprometida com dívidas atingiu 29,6%, o menor nível desde set/20, resultado de uma melhora da renda disponível em meio à desinflação em curso.

Por sua vez, a despeito da evolução positiva do mercado de trabalho e do alívio com a inflação corrente, a inadimplência acompanhou a tendência de alta do endividamento em junho. O percentual de famílias que declararam estar com contas atrasadas aumentou 0,1 p.p. no mês e 0,6 p.p. em 12 meses, para 29,2%. Em consonância, o contingente dos que afirmaram que não terão condições de quitar dívidas atrasadas de meses anteriores expandiu-se em 0,2 p.p. na margem e 1,3 p.p. em 12 meses, para 12,0%.

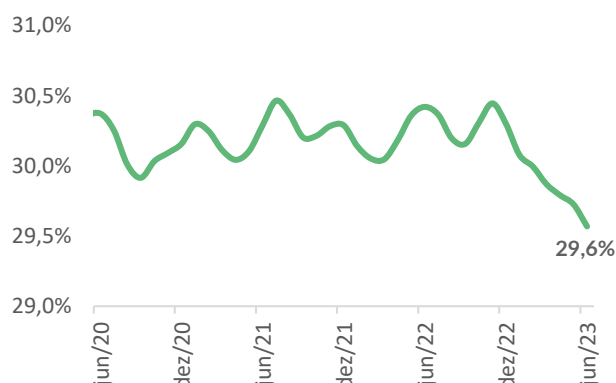
Os juros elevados dificultam a melhora do cenário, fazendo com que o volume de consumidores com atrasos há mais de 90 dias também crescesse, alcançando 45,9% do total de inadimplentes (+0,2 p.p. no mês e +2,8 p.p. em 12 meses).

Dentre os principais tipos de dívida, o cartão de crédito manteve-se como a modalidade mais citada pelas famílias, representando 87,0% das respostas, seguida pelos carnês (16,3%) e o financiamento de veículos (7,8%).

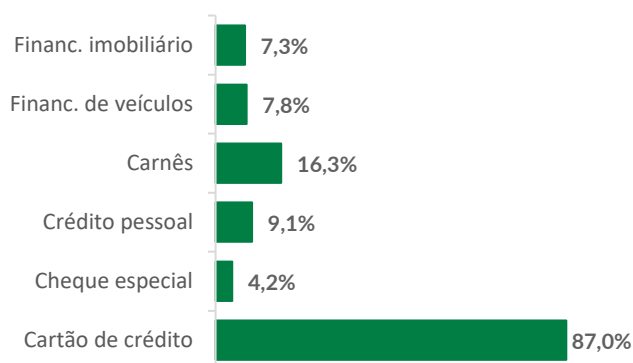
Peic (%)



Parcela da Renda Comprometida % dentre os endividados



Tipo de Dívida % do total



Fonte: CNC.. Elaboração ABBC

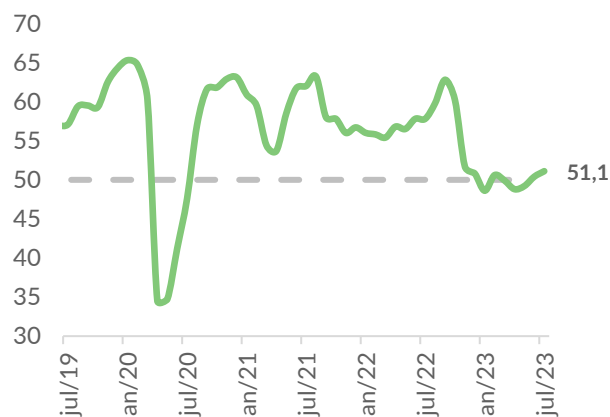
Confiança do Empresário Industrial – Jul/23

Em função de uma avaliação mais favorável do cenário, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da CNI em julho foi de 51,1 pts., o que representou uma alta de 0,7 pt. na margem. Acima de 50 pts. pelo 2º mês consecutivo, o número indicou que a indústria continua confiante. Entretanto, apesar dessa melhora, houve uma redução de -6,7 pts. em relação a jul/22.

Favorecido pela menor pressão inflacionária, o movimento indicou uma perspectiva menos negativa quanto às condições atuais, com o índice avançando 1,3 pt. no mês, embora ainda permanecendo em campo pessimista (45,5 pts.). O sentimento com relação à economia brasileira subiu 2,5 pts. para 41,4 pts., enquanto o das empresas aumentou 0,6 pt. para 47,5 pts..

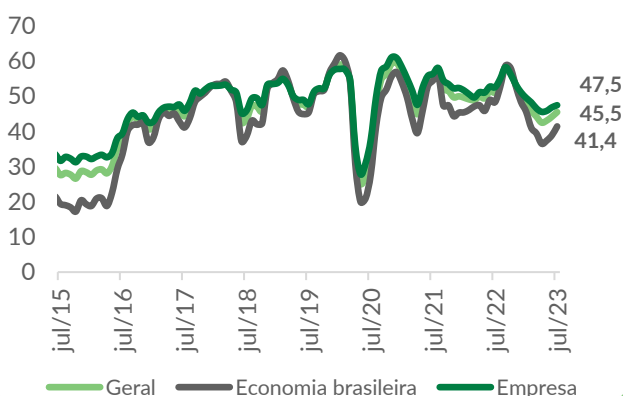
Em patamar apontando otimismo, o indicador referente às expectativas ficou em 53,9 pts., o que representou uma alta de 0,4 pt. na margem, mas ainda uma queda de -7,2 pts. em relação a jul/22 (61,1 pts.). A melhora recente é fruto do balanço de riscos mais favorável para a inflação e da perspectiva do início da flexibilização da política monetária em agosto. O desempenho do mês foi alavancado pela alta de 1,2 pt. no sentimento quanto à economia brasileira para 48,2 pts., sendo que para as empresas recuou -0,1 pts. para 56,7 pts..

ICEI



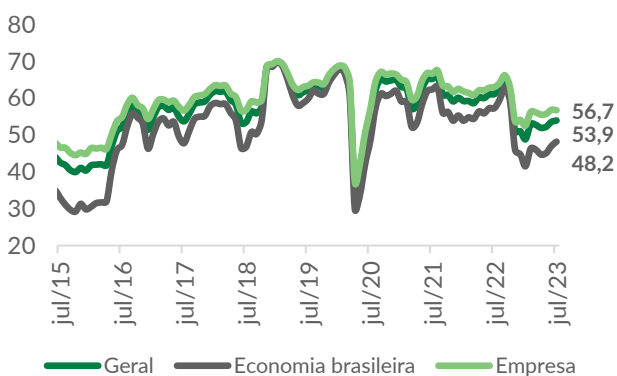
Condições Atuais

Abertura



Expectativa

Abertura



Fonte: CNI. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,0	1,3
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,5	9,0
IPCA (% a/a fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,9	3,9
IGP-M (% a/a fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-2,7	4,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,00	10,00
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	65,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-43,1	-50,4
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	79,5	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,00	5,05
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,0	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,7	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,5	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	76,7	79,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688